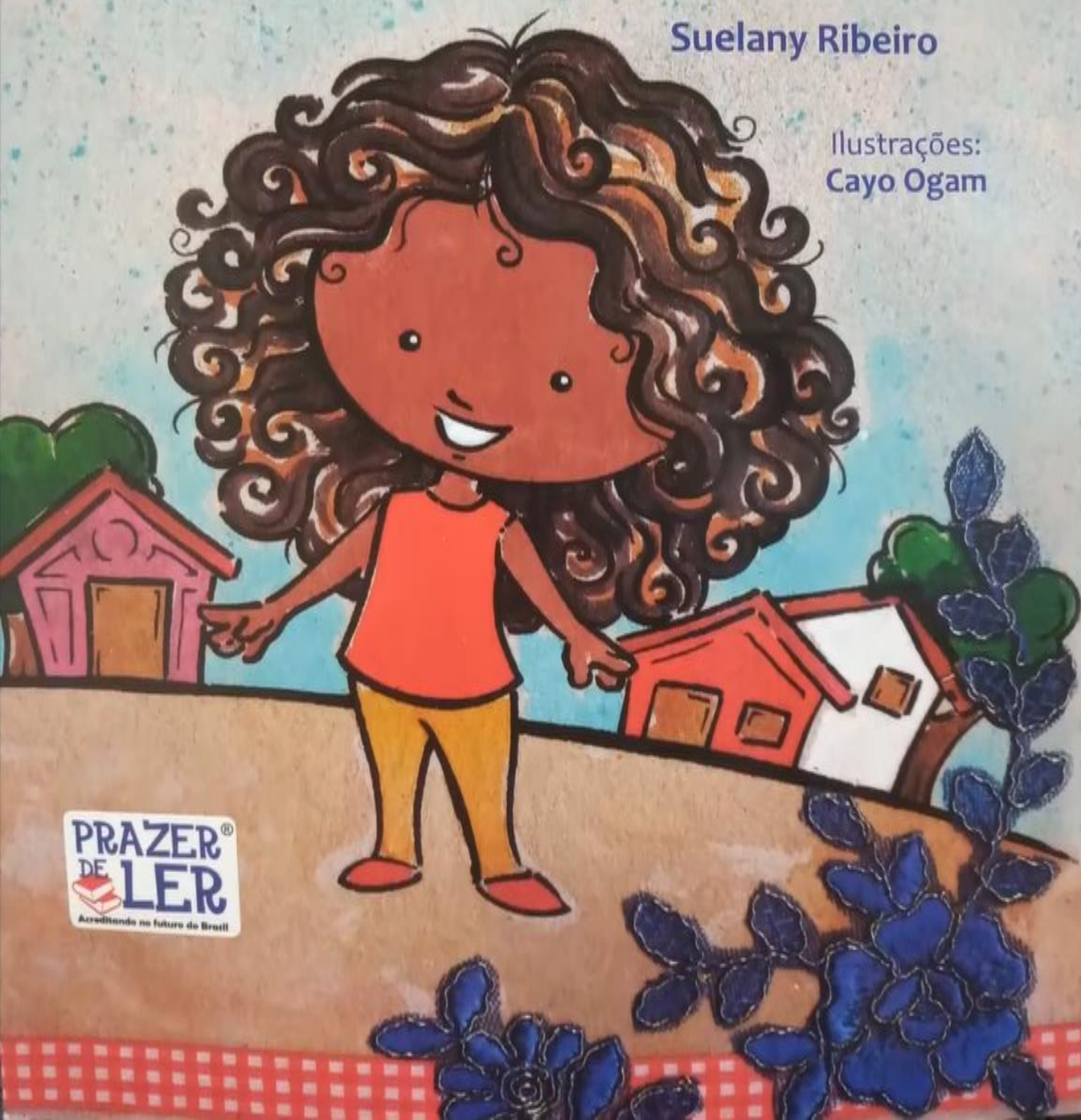


Os cachinhos de Cecília

Suelany Ribeiro

Ilustrações:
Cayo Ogam



**PRAZER
DE
LER**
Acreditando no futuro do Brasil

Cecília é uma linda e divertida garotinha. Adora fazer perguntas, principalmente aos seus pais.

Perguntava sobre o Sol, os animais, os arrotos, o vento, a chuva... Mas se tinha uma coisa que a intrigava, era o seu cabelo.



Papai tinha a cabeça raspada.

Mamãe, o cabelo liso e preto, então por que nascera com cachinhos? Muitos cachinhos...

Sua irmã mais velha, filha da mamãe no primeiro casamento, também tinha cabelo liso. Cecília a admirava tanto, achava-a bonita, inteligente, queria ser igual a Carla.

Seus pais lhe explicaram que Cecília era especial, pois trazia consigo a mistura de duas grandes etnias brasileiras: a negra e a branca. Mas Cecília não compreendia nada daquelas palavras difíceis e bonitas. Queria brincar e ser igual a sua irmã.





Começou pelo cabelo: passou uma tarde inteira esticando os cachinhos, mas em qualquer simples descuido eles pulavam feito molinhas.

O braço doeu bastante de ficar na mesma posição, as cãibras foram intensas e no final do dia, desistiu de puxar o cabelo.

No dia seguinte, pegou a pranchinha de uma coleguinha e escovou o cabelo. Achou aquilo magnífico, ele estava bem parecido com o da sua irmã.

Seus pais não gostaram da travessura da garota, mas ela não pensou duas vezes: iria ficar com aquele novo visual.



Foi brincar com os seus amigos, correu, pulou, tomou banho de mangueira e o seu cabelo encolheu.

Cecília ficou muito triste, pois não imaginava que o seu cabelo, antes liso e igual ao da irmã, voltasse a ser cacheado. Voltou para a casa cabisbaixa e vergonhosa. Entrou em casa e foi direto para o seu quarto. A mãe dela estranhou o comportamento da menina, sempre feliz e risonha.



Resolveu dar uma boa notícia, no dia seguinte iriam visitar Carlinha, a irmã mais velha de Cecília. Neste dia, a garotinha de cachinhos nem se animou com o que a mãe falara.



Na manhã seguinte, as duas foram até a casa da Carlinha. A jovem estava animada, pois iria receber uma amiga que estudara com ela na faculdade. Carlinha havia feito faculdade em outro estado e ficara hospedada durante um ano na casa da amiga baiana. Agora era a vez de retribuir a hospitalidade.

A irmã mais velha fez várias comidas típicas pernambucanas e um banquete de frutos do mar. Embora estivesse feliz com a chegada da amiga, não escondia o incômodo em ver a tristeza de Cecília. Decidiu conversar com a garota, a fim de descobrir o que ocorrera.





— Oi, linda! O que houve? Por que você está tão tristonha?

— Não é nada.

— Como não? Conheço você. Aconteceu alguma coisa e não adianta me esconder.

— É que sou muito feia. Queria muito ser igual a você, mas não consigo... Sou mais escura e o meu cabelo é cheio de molinhas...

— Meu amor, você é linda e os seus cachinhos mais ainda! Cada ser humano é diferente, com cabelos lisos, cacheados, ondulados... Nós somos filhas de pais diferentes, por isso possuímos traços tão diversos.

(A campainha toca, é a visita que chega)

— Depois conversamos, Ceci. Tenho que receber a minha amiga. Vamos!

Mesmo após a explicação e cuidado da irmã, Cecília não se achava bonita. Via-se distorcida diante do espelho.





A amiga da sua irmã chegara, chamava-se Betânia. Era do interior da Bahia, mas atualmente, morava em Salvador. Betânia tinha a pele negra, cabelos curtos e cacheados. Era bonita e no cabelo trazia um lindo arranjo de flor. A menina Cecília ficara encantada com a beleza da baiana, ela vinha a Recife pela primeira vez. Carla a levaria aos pontos turísticos de Recife e Olinda. As duas estavam animadas e não paravam de falar, relembrar histórias, trocar confissões e dar muitas, muitas risadas.

Cecília ria com as histórias de Betânia. Parecia até esquecer-se da tristeza que antes a tomava conta. Na hora do almoço, ela, a mãe, a irmã e Betânia se descontraíram bastante, conversaram muito sobre as belezas dos estados: Bahia e Pernambuco. A menina não escondia a sua admiração por Betânia, era bonita e muito engraçada. Cecília tinha um novo ídolo.





Após o almoço do domingo, foram assistir ao ensaio de Carla em Olinda. Ela tocava em um grupo de maracatu e ensaiava durante o ano para as apresentações carnavalescas.

Cecília ficou encantada com as rufadas das alfaias. Foi pelas ladeiras da cidade histórica que aceitou a sua identidade negra. Daquele dia em diante, deixou o vento secar os seus lindos cachinhos, herança dos povos negros que ajudaram a formar a cultura brasileira.



